

Espacialidade e afeto em *Construindo pontes* (2017)

Paloma de Oliveira Brito
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: paloma.brito123@hotmail.com

Rogério Luiz Silva de Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: rogerioluizo@gmail.com

1649

Palavras-chave: Afeto. Espacialidade. Cinematografia. Construindo Pontes. Memória

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado intitulada “*Memória e Afeto em Construindo Pontes (2017): a cinematografia de Heloísa Passos*”, ele se ancora na materialidade presente nas imagens feitas pela diretora. Para aprofundar no que ela pode nos oferecer e nos fazer questionar sobre o que está no plano, contamos com a ajuda do trabalho *Geografias afetivas* de Irene Depetris Chauvin. Iremos analisar **o modo como Heloísa Passos no documentário cria espaços, transformando o afeto - elemento constitutivo da memória - em cinematografia**. Isso, porque em sua obra, Irene se propõe a repensar os sentidos da espacialidade, a partir de um acervo de filmes argentinos, chilenos e brasileiros escolhidos por ela, identificando que esses espaços estão ligados de forma direta à afetividade e como a partir disso podemos refletir sobre nossa relação com o espaço para além do quadro fílmico, pensando em formas de nos conectarmos com as memórias e com os outros, segundo ela mesma, buscando “novos modos de ser/estar juntos” (Chauvin, 2019, p. 6).

Aproximando os pensadores estudados na pesquisa de mestrado, dentre eles Didi-Huberman, Fayga Ostrower, Rogério Luiz e Irene Chauvin, bem como para manter em vista nosso principal filtro de trabalho, a memória, retomamos que para nós, ela é sempre um atravessamento de tempos, uma grande montagem de períodos distintos coexistindo (Didi-Huberman, 2015, p.23). Sendo assim, entendemos também, a imagem como um

Realização:



Apoio:



espaço desses tempos atravessados. Irene Chauvin, aprofunda um pouco mais sobre esses espaços e identifica ainda o cinema como uma reinvenção deles, reafirmando a existência entre memória e imaginação. Aqui, delimitaremos mais, e nos debruçaremos na invenção desses espaços através da cinematografia.

METODOLOGIA

Em *Construindo Pontes*, assim como em outros filmes dirigidos por ela, Heloísa rompe com as barreiras entre os acontecimentos e a memória inventada. Com essa liberdade, ela intervém e através das camadas do documentário cria esses espaços dentro do filme. Aqui, entenderemos que a fotógrafa utiliza dos espaços físicos para criação desses espaços fílmicos marcados pelo afeto, manifestado através do corpo. É desse ponto de vista que temos nossa ferramenta teórico-metodológica, a partir da leitura do trabalho de Irene e dos planos do filme, vamos chamar de espaços afetivos dentro do documentário, divididos aqui em camadas: na primeira camada: a casa de Álvaro e Eneida, na segunda: as cachoeiras e na terceira: a ponte.

Dentro desses espaços, percebemos que a sua existência demonstra que necessariamente estão atravessados pelo afeto. Ele funciona como uma chave que permeia todos esses espaços. No filme isso é percebido de diversas maneiras, mas, destacamos principalmente, através da relação de Heloísa e Álvaro [As suas diferenças, colocam cada um de um lado, a memória afetiva/o afeto os coloca sobre a ponte, o lugar onde a convivência é possível]. Sobre isso, Irene nos aponta a importância do coletivo e do quanto o afeto é relacional, ao falar sobre Spinoza, pontua que “para além de falar do sujeito e da individualidade, é preciso refletir em torno dos encontros e articulações entre corpos e coletividade” (Chauvin, 2019, p.11), ou seja, nosso corpo é o grande instrumento pelo qual sentimos o mundo e os afetos, se estamos falando nele mesmo enquanto um espaço, nos cabe entender que essa corporeidade tudo tem a ver com as relações que desenvolvemos.

Realização:



Apoio:



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para falarmos sobre esse caráter relacional do afeto, inicialmente falamos sobre o espaço da casa dos pais. Esse lugar é escolhido como parte fundamental na constituição da narrativa do filme, ele é o primeiro lugar onde vemos Álvaro, junto a Eneida assistindo às projeções das construções das estradas sugeridas por ela. O fato de escolher projetar imagens na parede, de alguma forma nos indica que outras imagens também estão impregnadas em seu corpo, em sua memória. A escolha da casa dos pais não é feita por acaso, em nossa leitura entendemos o quanto Heloísa é marcada por um afeto que a faz criar/pensar nas imagens que nos apresentarão o mundo de Álvaro, um mundo que já foi dela, no qual ela teve uma infância marcada por boas memórias afetivas.

Em diversos momentos a casa aparece em tela enquanto esse espaço físico, mas sua representação está para além, pois Heloísa reconfigura a criação desse lugar a partir de si mesma. A casa dos pais representa sua infância, é o lugar onde ela decide apresentar o mundo do seu pai ao público através dos planos de seus afazeres. A casa é também onde o primeiro conflito acontece. Mais especificamente no plano que escolhemos para falar da questão relacional, representado pelo plano abaixo (Imagem 1) o elemento principal é uma mesa. Heloísa, mesmo sem falar especificamente isso, nos mostra o quanto as suas memórias estão condicionadas à relação com seu pai, ao escolher esse plano nos inclui a partir de uma sensação de intimidade com seu ambiente coletivo e familiar.

Vemos Heloísa se apropriar de uma memória sua da infância enquanto a usa como um dispositivo para gravar as imagens com seu pai. A espera da viagem antes, agora não mais acontece, pois ela mesma é criadora e reconfigura esse espaço da casa. Como na infância, mas atravessada também por sua imaginação, projeta imagens para que eles passem esse momento juntos.

Em relação ao que nos toca, nos afeta, Irene vai pontuar também sobre o corpo como uma “superfície de sentidos, um lugar em relação com o mundo, um mapa sensível” (Chauvin, 2019, p. 13), bem como fato de que temos os nossos “sentidos fundamentados na materialidade do nosso corpo” (Chauvin, 2019, p.14). Ou seja, é através desse corpo que Heloísa se relaciona com o mundo, utilizando do seu repertório para criar as imagens, transformando seus afetos em cinematografia. Sobre esse afeto do qual temos falado, não é possível compreendê-lo sem o relacionarmos ao tempo e a memória dentro da

Realização:



Apoio:



cinematografia de Heloísa Passos. E se estamos falando daquilo que é sensível, trazemos mais uma vez a materialidade do filme, através de um outro espaço proposto por Heloísa aqui representado pelas cachoeiras, mas tendo em mente, que talvez poderíamos expandir para os “espaços aquáticos”, lugares permeados pela água, já que para Heloísa esse é um elemento tão fundamental para as camadas do filme.

Para explorarmos esse caráter sensível/háptico da imagem, lembraremos dos planos em que a água serve à narrativa. De forma mais definida, entenderemos que háptico se relaciona ao tátil, à capacidade de entrar em contato e através da experiência nos fazer utilizar nossos sentidos, que junto à autora, percebemos estarem atravessados.

No início do filme já temos imagens de arquivo das cachoeiras, que de alguma forma nos insere nesse ambiente íntimo. O caráter experimental delas nos indica que poderiam ter sido feitas por qualquer um de nós. Logo depois, os planos são do lago de Itaipu (local onde as 7 quedas foram submersas), a partir do que vemos e ouvimos, um sentimento de melancolia, pelo desaparecimento das cachoeiras e de tantas memórias que foram submersas. Assim, Heloísa também nos convida a um mergulho em seu próprio tempo para compreendermos o que acontecia em sua infância, no país, além de nos apresentar alguns planos a frente, o espaço da usina, que por si só é marcado pela força das águas.

1652

FIGURAS



Imagem 1 - mesa de jantar na casa de Álvaro e Eneida. Imagem 2 - cachoeira de 7 quedas. Imagem 3 - Heloísa e Álvaro sobre a ponte. Fonte: *Frames de Construindo Pontes*.

CONCLUSÃO

Para concluir nosso pensamento, reafirmamos sobre a presença desse corpo marcado pelo afeto, e que também diz respeito a um atravessamento de tempos distintos, e segundo Irene auxilia na construção dos espaços, entendendo também a imagem

Realização:



Apoio:



enquanto exterioridade e o afeto, o elo pelo qual corpo e imagem conversam entre si. Para isso, podemos pensar a partir da experiência sensorial através corpo de Heloísa ao se relacionar com a cinematografia criando planos do filme. Assim, trazemos o último espaço afetivo que destacamos, a ponte.

Esse é também o espaço em que ela, movida pelo afeto, consegue acessar o exterior através da criação desse plano. Isso é também percebido pela forma como a cinematografia nos é apresentada. Aqui, abrimos um parêntesis para unir os dois outros traços da imagem que citamos ao longo do trabalho, que são percebidos também nesse último plano. Temos nele a dimensão do quanto o afeto é relacional, já que temos a relação dos dois colocada em destaque, marcados, inclusive pela presença dos dois em quadro, além da percepção háptica, que diz respeito ao modo como Heloísa sente e cria imagem, bem como o plano que serviria para concluir o filme. Em outras palavras, pelo pensamento de Irene, o que Heloísa faz é criar esses espaços físicos no filme, configurando um outro espaço fílmico/afetivo que é dela.

REFERÊNCIAS

CHAUVIN, Irene. **Geografías afectivas. Desplazamientos, prácticas espaciales y formas de estar juntos en el cine de Argentina, Chile y Brasil.** Estados Unidos, 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo - história da arte e anacronismo das imagens.** Tradução Vera Casa Nova, Márcia Arbex. Belo Horizonte: editora UFMG. 2015.

PASSOS, Heloísa. **Construindo Pontes.** (Documentário). Direção: Heloísa Passos. Colorido. Brasil. 2017. 73 min.

Realização:



Apoio:

